

BAIRRO VENCATO: UMA ETNOGRAFIA DO COTIDIANO, PENSANDO AMBIGUIDADES E TRAJETOS INFANTIS

FLADIANE NUNES TEIXEIRA¹; FLÁVIA MARIA SILVA RIETH

¹ Universidade Federal de Pelotas – fladianet@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – riethuf@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto de minha pesquisa em andamento, cuja qual, visa à realização de um estudo etnográfico sobre os moradores de um bairro, localizado na cidade de Jaguarão, Rio Grande do Sul. O bairro Vencato surge aproximadamente nos anos de 1973, a partir da iniciativa privada do senhor Frederico Vencato. Embora se tratando de um loteamento privado, o mesmo já se iniciou sem infraestruturas tendo os moradores que se mobilizarem em prol de melhorias para o bairro. O bairro está localizado ao sul do centro da cidade, onde conforme o plano diretor do município de Jaguarão, compreende da rua Uruguai para baixo, nas delimitações que seguem, o lado esquerdo da rua 24 de maio, até a beira do Rio Jaguarão. Mesmo quem não conhece a cidade, com certeza já ouviu falar da rua Uruguai, a continuação da BR 116, que dá acesso a fronteira Brasil- Uruguai, a famosa rua que leva aos Free- shop do lado uruguaio, também é o divisor de águas entre o bairro e o centro da cidade. Ao decorrer de minhas caminhadas ora participante (MALINOWSKI, 1978), ora flutuante (PETTONET, 2008) pelo bairro, fui percebendo algumas ambigüidades existentes no mesmo, como de um lado o bairro é periférico, porém apenas uma rua, o separa do centro da cidade, bem como, ao mesmo tempo em que o mesmo é tido como um lugar violento, há uma forte presença das crianças sozinhas pelas ruas. Sendo assim, nesta pesquisa, procurarei compreender como se deu a transformação do bairro no tempo e no espaço, para que se possa entender estas ambigüidades, bem como, o olhar que as crianças têm sob o bairro. Em sua obra “Da periferia ao centro: pedaços e trajetos” MAGNANI (1992), aborda questões relevantes e cuidados que se deve ter ao estudar o urbano. Conforme este, ao estudar dimensões espaciais, é preciso que se reflita sobre algumas dificuldades, como, a de estabelecer recortes, fronteiras e definir as unidades de análises. Para tanto, é preciso um olhar treinado e aguçado, para que possa observar fatores que fogem do senso comum da paisagem urbana.

2. METODOLOGIA

Para esta pesquisa, utilizei-me da etnografia como metodologia, com a utilização de técnicas de observações participante com realização de algumas entrevistas, bem como, de observações flutuantes, e como trabalharei com crianças, como complementação das observações, a utilização de desenhos e pequenos textos, que serão produzidos pelas crianças ao longo da pesquisa. Conforme PETONNET (2008), a observação flutuante, consiste em se manter disponível, não tendo em mente nenhum objeto específico, mas, deixando-se “flutuar” para que as informações penetrem sem antecedentes, para que assim possa se analisar as atividades cotidianas no geral, até que todos os pontos se ligam e se possam compreender as regras subjacentes. Sendo assim, deixar-se flutuar é deixar-se conduzir pelo inesperado, ser tocada por aspectos até então inusitados. Cardoso de Oliveira (2000) enfatiza a importância do olhar, do ouvir e

do escrever na elaboração do conhecimento. É a partir do ato de olhar, ouvir e escrever que se dá nossa percepção antropológica, para tanto, durante a realização do trabalho de campo é preciso que se esteja atento as cenas do cotidiano, a cada olhar e narrativa do interlocutor, para que se possa perceber e compreender os “não-ditos” e cenas que passariam despercebidas. Por desenvolver minha pesquisa, no bairro onde sou moradora local, há de se ter alguns cuidados. Segundo Velho (1989) um dos principais problemas que o antropólogo enfrenta ao estudar sua própria sociedade, é a questão da “imagem” que já se tem do lugar e que isso gera uma nova dimensão ao estudo, levando a uma autodefinição do investigador não só no começo, como também, durante todo o restante da pesquisa. Pois não se refere apenas as técnicas de distanciamento, “mas ter condições de estar permanentemente num processo de autodimensionamento paralelo e complementar ao seu trabalho com o objeto de pesquisa de que, afinal, ele faz parte” (VELHO, 1989, p.20). Na cidade de Jaguarão, o bairro Vencato é conhecido por ser um bairro violento, porém, ao longo do trabalho de campo, me chamou a atenção, o grande número de crianças que andam sozinhas pelas ruas, contradizendo esta visão. Para os que estão de “fora” o julgam como um lugar violento, porém, quem está “dentro” não o vê assim. Em conversa com algumas crianças, as mesmas afirmaram não terem medo de andarem sozinhas pelas ruas, pois no bairro, “todo mundo se conhece”. Sendo assim, para esta pesquisa, optei por também trabalhar com as crianças, com o olhar destas sob o mesmo, pensando nos trajetos que as mesmas fazem dentro do bairro. Para tanto, conforme COHN (2005), a observação participante, pode ser completada com outros recursos como coletas de desenhos, pequenas redações e registros audiovisuais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Atualmente o bairro Vencato, já está estruturado e a partir das novas demarcações da Prefeitura, não comprehende apenas o loteamento, mas outras áreas anteriormente ocupadas e estigmatizadas. Destas áreas, destaco a rua do Cordão (atual Barbosa Neto), um antigo território negro, local onde provavelmente nasceram os primeiros cordões carnavalescos, e a “baixada”, local onde haviam diversos cabarés, e que em meio a diversas confusões, recebeu este nome. Quando adentramos o bairro pela rua Uruguai, inicialmente suas três primeiras quadras na horizontal são ruas calçadas e mais largas com um grande número de comércio formal e informal, o que ocasiona um maior fluxo de pedestres e carros nas ruas, esta parte mais perto do centro do bairro, está incluída na zona comercial da cidade. Indo um pouco mais a baixo do bairro, têm se um novo cenário, ruas já não são calçadas e começam a estreitar-se. Continuando pela mesma rua, agora chegando às ultimas ruas do bairro, temos um novo panorama do mesmo, ruas de chão batido, esgoto a céu aberto e muitas árvores compõem a paisagem mais periférica do bairro, porém diferente dos outros lugares, encontram-se diversas pessoas sentadas em frente as suas casas, em pequenas e grandes rodas de chimarrão, há quem goste de estar só, assim como, há quem goste de estar acompanhado. Mais à tardinha, após saírem da escola, crianças correm e brincam sozinhas pelas ruas. Com este breve relato, busco trazer um pouco dos diferentes espaços que compõe o bairro, surgindo assim a ambigüidade periferia-centro.

Em virtude de tentar reativar o Centro Comunitário do Bairro, são oferecidas gratuitamente, aulas de capoeira para as crianças e adolescentes, bem como, cinema e festas em datas comemorativas. Quem está de “fora e de longe”, têm uma visão, de um bairro violento, porém acompanhando “de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002), ao longo das caminhadas, da participação nas festividades e acompanhar as aulas de capoeira, marcou-me a relação das crianças com o bairro, assim como, os caminhos dentro do bairro por elas traçados, e o quanto as mesmas, andam sozinhas. Assim, além de tentar compreender as transformações do bairro no tempo e no espaço, para assimilar a ambigüidade periferia - centro, e que como em um local, tido como violento, crianças andam desocupadas, a pesquisa se volta ao olhar das crianças sobre o bairro. É necessário que se reflita sobre as continuidades e descontinuidades da paisagem, não sob uma ótica estrutural, mas pensando em como as pessoas utilizam-se desses espaços. Para isto, utilizarei algumas categorias como pedaço, mancha, trajeto e pórtico para que se possa analisar as práticas de lazer, os locais de encontro e as formas de sociabilidade no contexto urbano. Pois, conforme MAGNANI (1992), é a partir da compreensão e alcance destas categorias, “que se tece a trama do cotidiano: a vida do dia-a-dia, a prática da devocção, o desfrute do lazer, a troca de informações e pequenos serviços, os inevitáveis conflitos, a participação em atividades vicinais” (MAGNANI, 1992, p. 193). Segundo DE CERTEAU (2000), são as práticas do cotidiano que produzem a cidade, para o autor, o bairro é o lugar onde se manifesta o engajamento social, uma arte de conviver com parceiros (vizinhos, comerciantes) que estão ligados a você pelo fato concreto, mas essencial, da proximidade e da repetição.

4. CONCLUSÕES

Como a pesquisa está em andamento, neste trabalho procurei fazer um recorte, trazendo alguns dados etnográficos e discussões relacionadas ao bairro Vencato. É importante que se pense o bairro a partir das margens (AGIER, 2015), pensando nos diferentes começos da cidade, refletindo sobre a cidade partir de seu interior, dos espaços precários, trazendo o olhar do fazer-cidade dos cidadãos, pensar que é no cotidiano que tudo se faz e se desfaz, que são os moradores que dão vida ao bairro e a cidade, bem como, são os mesmos que se utilizam desses tempos. Assim como, pensar sobre as crianças no bairro, entre os trajetos, o ir e o vir do escola com os colegas, entre um pega-pega, pique-esconde no meio da rua, entre os alongamentos, a gingada e as regras da capoeira, pensando no papel delas na constituição deste território e os usos que as mesmas fazem dos diferentes espaços.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. **Maná [online]**. 2015, vol.21, n.3 [cited 2018-02-21], pp.483-498.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Ed. Unesp, 2000, p.17-35.

COHN, Clarice. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2005.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano 2: morar, cozinar**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores) 1978, p. 18-34.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Da periferia ao centro: pedaços e trajetos. **Revista de Antropologia**. São Paulo, USP, V.35, p. 191-203, 1992.

MAGNANI, J. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana". **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 17 (49), jun., São Paulo. 2002.

PETONNET, Colette. A observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. **Antropolítica**, Niterói, n.25, p.99-111, 2008.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987, p.36-46.

VELHO, Gilberto. **A utopia urbana: um estudo de antropologia social**. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.